

### QUEM A HOMOFOBIA MATA?<sup>1</sup>

### WHO THE HOMOPHOBIA KILLS?

Rayane Dayse da Silva Oliveira - UFRN

Kenia Almeida Nunes - UFRN

## RESUMO

O presente trabalho, ao tratar das estatísticas dos crimes de homofobia, tem a proposta de problematizar a grande diferença entre o número de homicídios de gays e lésbicas no Brasil, sendo o primeiro exacerbadamente maior do que o segundo. Objetiva-se, com este estudo, elaborar uma análise sociológica acerca dos dados estatísticos dos crimes de homicídio por homofobia no Brasil e buscar compreender as razões dessa grande diferença entre o número de assassinatos de gays e lésbicas. Nesse sentido, utilizamos como metodologia a análise teórica de dados estatísticos levantados pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), analisados à luz dos estudos críticos de gênero e sexualidade. Para tal propósito, o trabalho se divide em dois principais movimentos, em que, no primeiro, é exposta uma breve consideração a respeito da construção dos gêneros, papéis sociais com base no sexo e sua hierarquização valorativa, por conseguinte, mostra-se como é produzida a heterossexualidade enquanto única forma legítima de expressão da identidade sexual e do gênero; o segundo movimento consiste na parte mais densa e central do trabalho, pois nela são propostas as hipóteses relativas à compreensão das estatísticas dos homicídios por homofobia no Brasil, a partir dos dados levantados pelo GGB. Desse modo, pensando essas estatísticas como consequências do arranjo hierárquico da construção binária dos gêneros e das sexualidades, que fixam e naturalizam representações, obtemos como resultados desta pesquisa três questões que são postas no trabalho como possíveis fatores que podem justificar o índice dos assassinatos de homossexuais no Brasil, quais sejam: a supervalorização e expectativa sobre o masculino, que implica aversão, rejeição e secundarização do feminino, além do binarismo valorativo dos gêneros, que gera e naturaliza a ideia de sexualidade dissidente como a fuga do gênero “natural”; a permissividade social de demonstração de afeto entre mulheres e a negação dessa expressividade aos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IV CESO – Ciclo de Estudos em Ciências Sociais. GT05: Divulgando estudos recentes em Ciências Sociais. Seminário Internacional Max Weber 150 anos. VII Colóquio Internacional de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Departamento de Ciências Sociais/UFRN. Natal, 15 a 17 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://cesoufrn.blogspot.com.br/>>.

homens; e, ainda, o modo como homens e mulheres (hétero ou homossexuais) fazem uso do espaço público, devido à construção dos gêneros e papéis sociais.

**Palavras-chave:** Heteronormatividade. Homofobia. Masculinidade. Violência.

### ABSTRACT

The present work, by dealing with the statistics of homophobia crimes, has the purpose of problematizing the great difference between the numbers of homicides of gays and lesbians in Brazil. Our objective, with this study, is develop a sociological analysis about the statistical data of homicide crimes by homophobia in Brazil and seek to understand the reasons for the large difference between the homicides number of gays and lesbians. In this sense, for this purpose, we use as methodology the theoretical analysis of statistical data collected by GGB (Grupo Gay da Bahia - Gay Group of Bahia) which are analyzed in the light of the critical studies of gender and sexuality. For this purpose, the work is divided in two main movements: in the first one, considerations about the construction of genders, social rules according to sex and its evaluative hierarchy are shown, consequently it is shown how heterosexuality as the only legitimate way of expressing sexual identity and gender is produced; and the second movement consists in the most dense and central part of this work, is in it that are proposals the hypotheses relative to the understanding of the homicide statistics by homophobia in Brazil, from the data collected by the GGB. Thereby, thinking these statistics as consequences of the hierarchical arrangement of the binary construction of genders and sexualities which fix and naturalize representations, we obtain as a result of this research three issues that are put in this work as hypotheses to the comprehension of data related to the killings of homosexuals in Brazil, which are: the overestimation and expectation about the masculine, which implies aversion, rejection and secundarization of the feminine, besides the evaluative binarism of genders, which creates and naturalizes the idea of dissident sexuality as a break of the "natural" gender; the social permissiveness of demonstration of affection between women and the denial of this expressivity to men; and the way as men and women (hetero or homosexuals) make use of the public space, due to the construction of genders and social roles.

**Key words:** Heteronormativity, Homophobia, Masculinity. Violence.

### CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PRODUÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS E DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE

Na perspectiva do imaginário social<sup>2</sup>, é a partir do órgão genital que, supostamente, se concatena toda uma ordem sequencial, na qual se considera que o sexo (órgão genital) determina o gênero (masculino ou feminino), que, por sua vez, direciona o intercuro sexual e afetivo para o sexo/gênero oposto. Postula-se desse modo uma arbitrária divisão sexual e de papéis sociais, pautada em uma suposta natureza aparente que deve legitimar todas as relações sociais.

Nessa lógica, a construção dos gêneros deve ocorrer de maneira binária, pela fragmentação, pondo-se de um lado o masculino e do outro o feminino. Dessa forma, acredita-se que cada um dos gêneros é determinado pelo sexo com o qual se nasce. São erguidas fronteiras rígidas a esse respeito e os papéis sociais que cabem a cada um dos gêneros são bem demarcados e completamente antagônicos, considerando-se, nesse sentido, que cada um deles deve ser construído dentro do seu limite. Assim, tudo o que se afasta do comportamento esperado de um gênero é tido como algo não natural, portanto, como algo que deve ser reprimido.

Essa ordem binária é, sobretudo, constituidora de uma hierarquia sexual e nela se baseia todo o imaginário social acerca dos gêneros (e sexualidades), o que acaba formando e legitimando a dominação de um gênero sobre o outro. Desse modo, ocorre uma divisão sexualizada dos papéis sociais, que é postulada mediante uma ordem binária e valorativa, que classifica e representa os gêneros a partir de uma divisão que coloca o masculino em uma posição privilegiada, em que suas características são vistas e representadas como superiores e mais importantes, isto é, racionalidade, força, virilidade, dentre outras, de modo que os papéis que lhe cabem também se encontram no topo da hierarquia, enquanto que o feminino é situado em um local social secundário e se constitui como o oposto do masculino, ou seja, passivo, fraco, emocional etc. Nessa perspectiva, os gêneros e as sexualidades são vistos como inerentes aos seres humanos, um sistema binário

---

<sup>2</sup> Ponto de vista sobre a realidade social fundado nas vivências em sociedade e na interiorização dos padrões socialmente impostos.

fisicamente aparente, dado pela natureza de forma trans-histórica e, por esse motivo, legítima. Podemos, diante desse contexto, compreender que “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de visão e divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2011, p. 18).

As diferenças objetivas (leia-se físicas) são tomadas como determinantes dos gêneros e, por conseguinte, das sexualidades, desse modo, naturalizam-se os papéis sociais com base no sexo. Dessa perspectiva decorre a institucionalização<sup>3</sup> da heterossexualidade como única forma legítima de expressão sexual, ou seja, como norma. Firma-se, dessa maneira, a heteronormatividade<sup>4</sup>. Uma vez que os gêneros são vistos como binários, portanto, complementares, crê-se que a sexualidade é conseqüentemente determinada pelo gênero, e, sendo o gênero visto apenas como uma representação social do corpo físico, a sexualidade é compreendida, pois, como a atração natural pelo sexo oposto. Desse modo, ela é tida somente como parte de uma ordem sequencial na qual sexo determina gênero e gênero determina a atração pelo seu oposto.

A heteronormatividade, ou heterossexualidade como norma, implica não somente a obrigatoriedade da prática heterossexual, mas também a estigmatização, exclusão, diminuição e perseguição de comportamentos sexuais que divirjam dela ou que extrapolem as fronteiras de gênero, uma vez que a heteronormatividade também institui que a única expressão legítima de gênero é o binário masculino ou feminino, antagônicos, em que sexo anatômico, gênero, papéis sociais e relações sexuais formam uma continuidade amarrada com fronteiras rígidas e intransponíveis para cada um dos gêneros. Nesse sentido, a sexualidade passa a ser posta e percebida tanto como identidade sexual quanto como identidade de gênero, que impõe uma obrigação de completa adesão a todos os papéis socialmente designados a cada um.

A heterossexualidade, passando então a ser vista como a sexualidade natural e normal, faz com que as sexualidades dissidentes sejam tidas como uma

---

<sup>3</sup> Estabelecer como normal, normatizar.

<sup>4</sup> Heteronormatividade é um termo proposto por Michael Warner (1993) para designar o modo como “a heterossexualidade (e acrescente-se: pensada invariavelmente no singular, embora seja um fenômeno plural) é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima (e natural) de expressão identitária e sexual” (JUNQUEIRA, 2007, p. 154).

espécie de fuga do gênero “natural”, pois, estando nessa perspectiva, os gêneros e as sexualidades amarrados, uma dissidência sexual é lida como um afastamento do suposto gênero natural. É a partir desses preceitos que são gerados diversos tipos de violência contra aqueles que transgridem os princípios da heteronormatividade.

Obviamente, essa ótica de explicação imediatista e acrítica referente aos gêneros e às sexualidades é extremamente problemática, não somente por naturalizar comportamentos que são histórica e socialmente produzidos, mas também por legitimar violências e relações de dominação justamente por colocar os comportamentos no campo das naturalizações. Tal pensamento pauta-se em dados objetivos para explicar as relações sociais, gerando com isso diversos tipos de violência, conforme veremos a seguir em relação à violência homofóbica no Brasil. Os dados são alarmantes e carregam em si questões muito pertinentes ao debate. Para compreendê-los, faz-se necessário olhar de forma crítica para o modo como os gêneros e as sexualidades são produzidos e, a partir dessa ótica, problematizar as estatísticas brasileiras, caminhando rumo à sua compreensão.

### **DADOS DOS HOMICÍDIOS DE GAYS E LÉSBICAS NO BRASIL DE 2008 A 2011: POR QUE SE MATAM MAIS GAYS DO QUE LÉSBICAS? REFLEXÕES ACERCA DAS ESTATÍSTICAS BRASILEIRAS**

A violência<sup>5</sup> de cunho homofóbico faz as mais diversas vítimas, ocorrendo de muitas maneiras e em vários níveis, inclusive se manifestando de formas extremas. O homicídio consiste, pois, em uma dessas formas de extrema violência contra aqueles que transgridem as leis da heteronormatividade. As estatísticas desses assassinatos são publicadas anualmente. No entanto, apesar de competir ao Estado levantá-las e divulgá-las, não é isso que acontece. Nessa ausência, o Grupo Gay da Bahia (GGB)<sup>6</sup> vem se propondo a realizar esse trabalho, levantando os dados e as informações relativas a esses crimes há mais de quatro décadas.

---

<sup>5</sup> Consideramos como violência qualquer tipo de agressão física, psicológica, moral ou verbal.

<sup>6</sup> O GGB, que faz o levantamento dessas estatísticas, publica-as em: <[www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br)>. O mesmo grupo também criou outro *site*, chamado: “quem a homofobia matou hoje?” <[www.homofobiamata.wordpress.com](http://www.homofobiamata.wordpress.com)>, que sistematiza as informações e também publica os

Até o momento, existem disponíveis na *internet* os dados de 1963 a 2013. Porém, para efeito deste trabalho, será utilizado como exemplo o recorte dos anos de 2008 a 2011. A escolha desse recorte temporal de dados se deve a algumas razões. A primeira delas consiste na questão de que utilizar todos os relatórios contabilizaria uma parte de dados muito extensa, o que poderia se tornar cansativo. Além disso, as referidas fontes são postas nas referências, para o caso de surgir a curiosidade de contato com os demais dados. No que diz respeito à segunda razão, todos os anos de que se tem registro mantêm relativa estabilidade no percentual de gays e lésbicas assassinados. As variações são muito pequenas e, de modo geral, o número de assassinatos segue uma linha anual progressiva e não apresenta variações percentuais significativas. Já a terceira razão aponta que o referido período pode ilustrar perfeitamente o que é proposto pelo trabalho, considerando que o número de crimes de homicídio segue uma linha crescente e vem aumentando a cada ano. No entanto, mantém-se estável a porcentagem de casos de cada um dos grupos (gays, travestis e lésbicas), concluindo-se, desse modo, que o respectivo recorte supre a demanda pensada para este trabalho.

A Tabela 1 foi produzida a partir dos referidos dados e sintetiza a situação das estatísticas brasileiras no período proposto. Nela, são postos ainda os casos de assassinatos de travestis, mas apenas para completá-la, mostrando como se divide o percentual integral dos homicídios registrados em cada ano. Tal grupo não entra em discussão neste trabalho, entretanto, consiste, sem dúvidas, em um debate importante de ser pensado em outro momento.

Tabela 1 – Número de homicídios contra homossexuais e travestis no Brasil de 2008 a 2011

ANO	GAYS	LÉSBICAS	TRAVESTIS	TOTAL
2008	121 (65%)	7 (4%)	59 (31%)	187
2009	117 (59%)	9 (5%)	72 (36%)	198

relatórios anuais. O *site* é aberto, inclusive, para denúncias de crimes de homofobia; dentre os motivos para sua criação, pelo Grupo Gay da Bahia, está justamente essa questão, ou seja, a da necessidade de se criar um espaço para denúncias desses crimes, na tentativa de sanar, em alguma medida, o descaso vivido pelo grupo LGBT no Brasil.

2010	140 (54%)	10 (4%)	110 (42%)	260
2011	162 (60%)	7 (3%)	98 (37%)	266

Fonte: Grupo Gay da Bahia – GGB (2008/2011).

Observa-se que desde 2008 o número de homicídios contra homens gays revela-se aproximadamente quinze vezes maior do que a porcentagem de homicídios contra mulheres lésbicas. Percebemos ainda que, ano a ano, essa ampla diferença vai se mantendo com variações mínimas. Apesar do aumento da quantidade de homicídios anuais, o percentual de gays assassinados mostra-se exacerbadamente maior do que o número de lésbicas em todo o período analisado.

Essas estatísticas de crimes homofóbicos, conforme acabamos de ver, levantam muitas questões pertinentes de serem analisadas e denotam que algo necessita ser observado. Em se tratando desse tipo de crime, averiguando os dados, nota-se claramente a existência de uma grande diferença quantitativa entre o número de assassinatos contra homens gays em oposição ao número de homicídios cometidos contra mulheres lésbicas. Nesse sentido, de pronto, surgem alguns questionamentos, sendo o primeiro deles: por que os homens homossexuais são mais sancionados dessa forma, se tanto eles quanto as mulheres lésbicas ferem o mesmo princípio da heterossexualidade obrigatória?

É na tentativa de encontrar uma possível resposta para esse questionamento que tais dados serão problematizados, por intermédio de algumas hipóteses propostas aqui, consideradas importantes para a compreensão dos possíveis fatores ou motivos que possam contribuir para que a incidência de homicídios contra gays seja exacerbadamente maior do que o número de homicídios contra lésbicas. Trata-se, inclusive, de pensar também se as lésbicas são mais poupadas ou se sofrem um apagamento social ainda maior.

Entretanto, apesar de visar uma compreensão de tal realidade, as hipóteses propostas nessa tentativa não serão postas com o objetivo de fundar uma justificativa definitiva para tal fato, mas de buscar a problematização dessa realidade, de maneira que propõem determinados caminhos para a compreensão dos referidos dados. Assim, não há pretensão de afirmar que o caminho aqui apontado é o único que pode responder a questão, isto é, não se trata, propriamente, de

resolver o debate, mas de mostrar que ele existe, bem como que há possibilidades para a sua compreensão, mesmo porque, apesar da efervescência dos estudos de gênero nos últimos anos, a questão levantada neste trabalho é ainda pouco debatida, não havendo pesquisas com esse recorte específico.

Partindo da construção dos gêneros e das sexualidades e das sanções imputadas aos que transgridem os preceitos da heteronormatividade, observa-se que o impelimento para o “correto” uso do corpo é também responsável por criar as mais diversas punições para os que não cumprem as regras que lhes são impostas, as quais, por vezes, chegam ao extremo de um verdadeiro “decreto” de pena de morte àqueles que não se adequam à heteronormatividade. Como primeira hipótese para entender tais estatísticas, podemos pensar que a maneira pela qual os indivíduos são construídos, a partir de um ideal de adequação a um padrão binário e hierárquico, no qual a produção de homens e mulheres se dá de formas distintas e verticais, pode gerar também formas distintas de cobrança do “bom” desempenho dos seus papéis sociais.

Todas as obrigações imputadas aos homens, como a exigência de que ajam de determinadas maneiras, a ênfase na sua pulsão sexual e tudo o mais que lhes é imposto, são feitas de forma bastante dura, sendo a expectativa quanto ao cumprimento do seu papel de homem muito grande. Não se trata, no entanto, de negar que se cobre da mulher o “bom” desempenho de suas funções sociais, mas sim de perceber o modo como a cobrança social pode acabar sendo relativa ao investimento na produção de cada um dos gêneros. A produção do masculino passa por muitos processos duros, que consistem em uma verdadeira fabricação de virilidade. No entanto, o resultado nunca é definitivo, porque ser homem é uma tarefa constante de demonstração da masculinidade, um processo diário de afirmação, no qual a principal prova do contrário consiste em assemelhar-se à feminilidade. Por esse motivo, o policiamento do gênero masculino é eterno, porque qualquer “deslize” pode colocar em xeque o merecimento do *status* de homem. No entanto, apesar de os investimentos na produção do homem serem maiores, a retribuição também é maior, pois para ele resguarda-se na sociedade uma posição privilegiada.

O homem é construído por meio da completa negação do feminino, sendo a sua produção árdua porque ele precisa se desvincular de qualquer sentimento que

foi socialmente classificado como feminino, tais como: o choro, a fragilidade, a fraqueza, dentre outros qualificados como inferiores. A construção das mulheres, por sua vez, não se dá por uma batalha de negação desses sentimentos, nem por uma aversão ao masculino, ela acontece no campo da aceitação de uma condição “natural”, e não por uma negação desta, com a construção de uma carapuça viril.

A produção da mulher é entendida como muito mais voltada para o privado, o natural, o tutelado e o frágil. Portanto, quando um homem é visto se assemelhando ao feminino, gera-se uma rejeição muito mais forte do que o inverso, ou seja, quando a mulher se assemelha ao masculino.

Assim, compreendemos que a homofobia funciona não somente como fronteira de sexualidade, mas também de gênero, uma vez que, considerando gênero e sexualidade amarrados, acredita-se que ser homossexual é negar o seu gênero natural, desse modo, no caso dos homens, a rejeição pode se expressar de maneira mais violenta porque se considera que eles estão se assemelhando ao feminino, e, como o feminino é amplamente estigmatizado, eles passam a sê-lo também.

A produção dos gêneros é binária, assim, além de produzir corpos e sujeitos antagônicos, de diferentes modos e com diferentes papéis e posições sociais, engendra ainda algo que hoje é central. Trata-se do fato de que os gêneros são produzidos como amarrados às sexualidades, sendo desse modo que o papel de gênero do homem se junta à necessidade de heterossexualidade dominante, ativa e viril. Gênero e sexualidade, portanto, atrelam-se em um processo semelhante ao de uma fundição. Com a mulher é semelhante; ser mulher significa assumir uma postura sexualizada, heterossexual – porém submissa –, secundária e apagada, o que a coloca em um patamar abaixo do masculino, que pode, por vezes, ser em grande medida referente ao seu apagamento social.

Na produção social dos homens, a homofobia é um elemento central e a imagem depreciativa que socialmente se constrói da feminilidade é em especial responsável por isso, pelo fato de que, ao se associar a homossexualidade ao afastamento do gênero “original”, ser gay é, portanto, considerado como uma aproximação do feminino, é afastar-se do que é tido como superior. O ódio contra homossexuais revela-se mais presente na produção dos homens, porque, de modo

geral, esse gênero é construído a partir da negação do feminino; as mulheres, ao contrário, não aprendem a odiar o masculino, mas a ter respeito por ele, por se tratar do gênero superior, ao qual elas devem se submeter.

Foi essa união indissociável, construída entre gênero e sexualidade, que naturalizou e cristalizou no imaginário social a ideia de que um está necessariamente preso ao outro. Tal fato, juntamente associado à hierarquização dos gêneros, que consiste em uma preeminência masculina sobre o feminino, faz com que a homossexualidade seja vista como um afastamento do gênero “original”. Além disso, observando os gêneros de forma hierárquica, compreende-se a homossexualidade masculina como a perda da masculinidade, na medida em que acaba sendo vista como uma traição que merece severa punição, que é também uma das formas que alguns homens encontram de se afirmarem enquanto “homens de verdade”, negando a aceitação de quaisquer características femininas e mostrando que se sentem mal no contato com elas.

Desse modo, consideram ter atingido o ponto mais alto do seu papel social, pois não somente negam o feminino, como também o diminuem e o rejeitam o mais veemente possível. Nessa perspectiva, a masculinidade é colocada socialmente como estando intrínseca e indissociavelmente atrelada à heterossexualidade: “ao rejeitar gays, um grande número de homens heterossexuais menosprezam, na realidade, algo diferente, que está indissociavelmente associado, em suas mentes, à homossexualidade masculina, a saber: a feminilidade” (BORILLO, 2010, p. 98). Afirmar-se enquanto homem é, dessa maneira, em grande medida, afirmar a sua heterossexualidade (considerada *conditio sine qua non* da masculinidade) e rejeitar o feminino e tudo que o remeta. A esse respeito, Borillo (2010, p. 88) completa: “Em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso sua ‘traição’ só pode desencadear as mais severas condenações. Portanto, o cúmulo da falta de virilidade consiste em assemelhar-se à feminilidade”.

A homossexualidade masculina é vista como um perigo porque, supostamente, ela nega o próprio *status* de homem e, necessariamente, uma posição privilegiada, a qual é trocada pelo ingresso em um universo considerado abjeto, o que vira alvo imediato das mais diversas tentativas de conserto ou mesmo

de punição, pelo fato de acreditar-se que algo natural está sendo negado. Com a homossexualidade feminina, também há algo considerado errado, contudo, mesmo sua sexualidade dissidente é vista como menor, já que, em geral, a sexualidade feminina é secundarizada, o que pode influenciar no emprego das sanções sociais para tal dissidência.

No tocante a essa discussão, é importante pensar o modo como se expressam as formas de violência empregadas para punir os indivíduos que transgridem os padrões heteronormativos. A esse respeito, constata-se que a incidência de homicídios contra mulheres lésbicas é bastante baixa, comparando-se ao número de homens gays, vítimas fatais da homofobia. No entanto, essa constatação não implica uma afirmação de que a violência contra lésbicas inexistia, o que se pretende é uma problematização da questão, mostrando que as formas de sancioná-la podem variar em comparação às formas como se expressam as punições para os homens homossexuais. Isto é, aqui não se está afirmando que não se pense a lésbica como também desertora do seu gênero, mas está se propondo pensar que o fato de atribuir-se uma secundariedade ao gênero feminino pode contribuir para as formas de punição – para o que é considerado sua traição – se darem de outras maneiras, não tendo o assassinato um lugar central, como ocorre com os homens gays.

Nessa perspectiva, não se trata de propor que haja uma maior permissividade social para ser lésbica, pelo contrário, é importante considerar que possivelmente a punição para tal fato exista em grande medida, entretanto, ela não se assemelha quantitativamente ao número de assassinatos cometidos contra homens gays devido à homofobia. Portanto, para entender as diferentes formas de expressão da violência homofóbica, é importante que se observe primeiro que as causas da homofobia contra gays e lésbicas possuem semelhanças, mas também diferenças. São semelhantes no sentido de que ambos ferem o princípio de heterossexualidade obrigatória, sendo discriminados por isso, mas se diferenciam no fato de que, enquanto a discriminação contra gays, conforme já mencionado, é gerada por se compreender socialmente que a homossexualidade masculina significa aproximação com o feminino, o que é largamente rejeitado, o preconceito contra as lésbicas parece dever-se ao fato de se considerar que a lésbica, dentre outros aspectos,

nega-se a se sujeitar aos homens e consegue satisfazer-se sexualmente e afetivamente sem a presença deles. Essa visão da homossexualidade feminina enquanto negação de um papel considerado natural, somada à ideia de que a mulher pode ser capaz de viver sem um homem, é difícil de ser aceita em uma sociedade androcêntrica, que atribui aos homens um valor superior e insubstituível na pirâmide hierárquica das relações sociais, sexuais e de gênero.

Com relação às razões do preconceito, identificamos que existem diferentes causas para a discriminação de gays e lésbicas, mas, no tocante à expressão da homofobia, ou seja, à manifestação violenta do preconceito, podemos perceber que historicamente existe também uma diferenciação, tem-se uma linha bem marcada nas penas imputadas à homossexualidade, no entanto, como os homens em todos os campos estão em evidência, nesse também a sua vitimização foi protagônica. Além disso, o apagamento social da mulher está bem demarcado. Também nesse campo, em face de sua negação e secundarização, a sexualidade feminina chega ao extremo de ser caracterizada socialmente como invisível, enquanto a homossexualidade masculina foi objeto da mais meticulosa opressão. Grosso modo, o que está em maior evidência é mais sancionado. A esse respeito, Borillo nos proporciona um ótimo exemplo, a saber:

A historieta atribuída à rainha Vitória, no momento da atualização, no século XIX, das penas contra as relações sexuais entre homens é bastante eloquente. Tendo sido interrogada sobre a impunidade das relações sexuais entre mulheres, a rainha respondeu: “como punir algo que não existe?” (BORILLO, 2010, p. 27).

Entretanto, Borillo (2010, p. 27) alerta ainda que não se deve considerar essa indiferença como um maior respeito ou um preconceito em nível menor, pois o que parece resultar desse apagamento é uma invisibilidade, um desprezo manifesto pela sexualidade feminina e existência lésbica.

A produção dos gêneros e das sexualidades é central em todas as hipóteses postas neste trabalho. Sendo assim, ingressando na segunda hipótese, esta versa sobre o modo como a produção sexual e de gênero engendra um ideal de homem, no qual se nega enfaticamente a possibilidade de expressão de afetividade entre

peças do gênero masculino. Institui-se que o “homem de verdade” busca manter distâncias saudáveis de outros homens, porque esse tipo de proximidade denota falhas na heterossexualidade, que, por sua vez, é um dos pilares centrais da masculinidade. Na produção da heterossexualidade feminina, a impossibilidade de expressão de afeto entre pessoas do gênero feminino não é considerada central, assim, demonstrações de afetos entre mulheres não aparecem como indícios de falha da heterossexualidade. Mais uma vez, a expectativa sobre a masculinidade, gerada pela quantidade de esforços despendidos em sua produção, pressupõe uma adequação a uma realidade imposta, que possui como maior objetivo diferenciá-la do feminino. Desse modo, o carinho, o afeto e a sensibilidade são sentimentos secundários, portanto, femininos. Com base nesse entendimento, Louro (2000, p. 23) afirma:

Nas suas relações de amizade, podem ser acentuadas a camaradagem e a lealdade; no entanto, são mais ou menos frequentes os obstáculos culturais à intimidade e à troca de confidências entre eles (KIMMEL; MESSNER, 1992). Certamente esses não devem ser considerados “atributos” masculinos.

Essa permissão social de demonstração de afeto para com pessoas do mesmo gênero, que é completamente negada aos homens, denota que faz parte da masculinidade, inclusive, manter distâncias estratégicas de outros homens e que o inverso pode ser uma declaração de falha na heterossexualidade e, portanto, na própria masculinidade. “A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para ‘machos’” (LOURO, 2000, p. 28). Sobre esse contexto, Borillo (2010, p. 88/89) completa:

Essa barreira em relação à intimidade parece encontrar sua origem na socialização masculina: a competição, a forte apreensão relativa à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o “jeito de ser homem” [...] um estudo realizado com uma população heterossexual masculina por uma equipe de psiquiatras mostra a estreita ligação

entre a homofobia e a impossibilidade de estabelecer relações de intimidade entre pessoas do gênero masculino. Várias pesquisas dão testemunho da grande dificuldade experimentada pelos homens para exprimir sua intimidade. Em relação às mulheres, apesar de travarem mais facilmente amizade com os colegas, os homens demonstram um incômodo particular para manifestar seus sentimentos em tais relações.

As regras da heteronormatividade produzem as mais diversas disposições referentes às formas “normais” de se portar, de modo que são penalizados não somente aqueles que desviam da obrigatoriedade da heterossexualidade, mas qualquer um que fira a integridade da heteronormatividade agindo de maneira não aceita para o seu gênero “natural”. Assim, a homofobia passa a ser um instrumento da heteronormatividade, que tem a função de agir como fronteira de gênero e de controle de todos os papéis sociais, legitimada a sancionar aquele que minimamente transgrida qualquer norma ou ultrapasse alguma fronteira. Essa ordem sanciona não apenas demonstrações públicas de afeto entre homens homossexuais, mas, também, entre heterossexuais, todos vitimados por uma homofobia que agora se dirige contra qualquer um que viole as regras da heteronormatividade.

Com relação ao modo como a demonstração de afeto entre homens significa imediatamente afirmação de desvio da heterossexualidade, no caso das mulheres, isso ocorre de maneira diferente. Em primeiro lugar, é difícil identificar, dependendo da situação, se consiste em um casal lésbico ou não, porque, em nossa cultura, a demonstração de afetividade entre mulheres é naturalizada e elas têm maior legitimidade de manifestar afeto por outras mulheres; em segundo lugar, identificando-se que realmente são lésbicas, o nível de hostilidade contra elas pode variar, na medida em que tal situação pode ser vista como menos impactante, pelo fato de em nossa cultura os indivíduos já estarem relativamente habituados a ver mulheres expressarem de forma mais forte afeto por pessoas do mesmo gênero, de modo que, quando os protagonistas dessas situações são homens, o estranhamento acaba sendo maior, pela inaceitabilidade social de que homens se expressem de tal modo para com outros homens. Entretanto, não se trata de afirmar que as lésbicas não sofrem violência alguma; ao contrário, muitas vezes são, em larga medida, vítimas do ódio homofóbico. Porém, diz respeito a expor que, ainda assim, o

estranhamento e a violência tomam maiores escalas quando se refere a homens gays.

A terceira e última hipótese concerne a um fator aqui considerado como possível contribuinte para as estatísticas de tais crimes (mas provavelmente em menor grau do que as duas primeiras hipóteses). Essa hipótese refere-se ao fato de que a construção social dos indivíduos se dá com uma maior permissividade para os homens de transitarem por determinados espaços; estes, portanto, devido à sua construção com mais liberdade, são postos como aqueles aos quais cabe em maior medida o espaço público, enquanto as mulheres são formadas a partir de uma lógica que as liga mais ao ambiente privado. Tal questão pode, de certa forma, influenciar no modo como homens em geral (hétero ou homossexuais) assumem determinadas posturas nos espaços públicos, as quais podem lhes deixar expostos a maiores riscos. Essa mobilidade mais amplamente conferida aos homens é, para as muitas mulheres, mais restrita durante a sua formação.

Ao se analisarem os casos<sup>7</sup> em seus detalhes, percebe-se que boa parte dos homens gays vítimas de violência sofreu essa violência durante a madrugada, quando o fluxo de pessoas na rua é bem mais baixo, o que pode aumentar as possibilidades de violência. Pensando a esse respeito, é importante refletir sobre como (e se) os homens se expõem a maiores riscos; se sim, é possível analisar, em seguida, a que isso se deve. Nesse sentido, podemos considerar a possibilidade de tal fato ser reflexo de uma construção social dos gêneros, que coloca os homens como sendo mais fortes e menos vulneráveis. A mesma construção fabrica mulheres sob uma lógica de que são mais frágeis e que, por esse motivo, são mais prováveis vítimas de violência. A inculcação dessa ideia pode, em alguma medida, servir para fazê-las tomar mais precauções quando saem, como também buscarem meios mais seguros de se expor em horários e lugares considerados perigosos, enquanto nos homens tem o sentido inverso, justamente porque eles são produzidos a partir da ideia oposta.

Mediante os fatos expostos, buscou-se problematizar os dados relativos aos homicídios por homofobia a partir de três hipóteses. Sumariamente, elas tratam da ideia de que a homossexualidade é vista como a negação do gênero “original”, o que

---

<sup>7</sup> Para tanto, recorrer às tabelas com a indicação nas referências.

acaba gerando a ideia de gênero amarrado à sexualidade. Assim, devido à construção do masculino ser mais rigorosa, as expectativas e os deveres imputados aos homens são maiores, por esse motivo, as punições para o que é considerado sua traição podem acontecer em maiores graus. A não permissividade de demonstração de afeto entre homens pode também desencadear um verdadeiro ódio quando é vista sendo expressa, pelo fato de essa permissividade somente ser atribuída às mulheres, gerando-se, assim, mais violência. Ademais, a produção dos gêneros se dá em grande medida por meio de um maior controle sobre as mulheres e menor com relação aos homens.

Desse modo, no que diz respeito ao espaço público, pelo fato de muitos crimes, não apenas os de homofobia, ocorrerem em horários nos quais o fluxo de pessoas na rua é menor, se homens frequentam mais esses horários, essa pode ser uma possibilidade de maior vulnerabilidade.

Nessa perspectiva, consideramos que todos esses fatores juntos podem, em alguma medida, contribuir para a compreensão das estatísticas que temos. Finalizamos afirmando que analisar e entender os índices de homicídio por homofobia (no Brasil) somente é possível observando-se criticamente a produção dos gêneros e das sexualidades em nossa sociedade, como o fizemos na presente pesquisa. Dessa maneira, podemos perceber as peculiaridades da produção de cada um dos gêneros e caminhar para o entendimento a respeito dos diferentes modos como a homofobia se expressa e quem a homofobia mata.

## REFERÊNCIAS

ASSASSINATOS de LGBT no Brasil. Disponível em:

<<http://www.ggb.org.br/assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20brasil%20011%20GGB.html>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HOMOSSEXUAIS GLBT assassinados no Brasil: 2008. Disponível em: <<http://homofobiamata.files.wordpress.com/2012/04/tabela-geral-de-assassinatos-2008.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

HOMOSSEXUAIS GLBT assassinados no Brasil: 2009. Disponível em: <<http://homofobiamata.files.wordpress.com/2012/04/tabela-geral-de-assassinatos-2009.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

HOMOSSEXUAIS GLBT assassinados no Brasil: 2010. Disponível em: <<http://homofobiamata.files.wordpress.com/2012/04/tabela-geral-de-assassinatos-2010.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: Limites e Possibilidades de um Conceito em Meio a Disputas. **Revista Bagoas**, Natal, n. 1, p. 145-166, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Artigo recebido em: 24/10/2013